

## Saúde



AUMENTO DE 77%

Procura por teste de dengue cresce

Apositividade nos exames também leve a falta, conheça os sintomas da doença

PÁGINA  
ACQUIRIDA  
APÓS  
O CANCELAR  
PÁGINA  
DO CDDCE

# DOUTOR ROBÔ

## Medicina já usa IA para interpretar dados clínicos e sugerir tratamentos

BERNARDO YONESHIGE  
bernardo.yoneshige@oglobo.com.br

**H**á pouco mais de um ano, o mundo conheceu o potencial da inteligência artificial (IA). Por meio do ChatGPT, modelos que aprendem com dados disponíveis se multiplicaram. Com a facilidade, não demorou para que muitas pessoas trocassem o famoso "Dr. Google" pelo "Dr. ChatGPT", pedindo orientações médicas à ferramenta.

À prática, no entanto, ainda não é segura, já que o ChatGPT e seus similares não são validados, muito menos recomendados, para uso médico. Mas esse momento pode não estar longe de virar realidade. Especialistas ouviram pelo GLOBO acreditam que nos próximos dez anos haverá ferramentas tão potentes capazes de analisar informações de exames, históricos de pacientes e dados genéticos para fornecer, com precisão, sugestões de diagnósticos e melhores tratamentos para o profissional.

Além disso, contam que o caminho para chegar até lá começou antes mesmo do ChatGPT. As inovações com IA começaram a fazer parte de diversos processos na medicina há cerca de cinco anos e têm crescido em várias redes de saúde.

Um dos primeiros, e mais comuns, é o uso de um algoritmo para analisar radiogra-

fias e encontrar detalhes que o olho humano pode não encontrar tão facilmente. É o que conta Igohr Schultz, diretor-executivo Digital do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo:

—Aqui, todos os raios-x de um membro passam por um algoritmo que indica para o médico possíveis fraturas ou microfraturas. Porque têm fraturas que o médico consegue enxergar de uma forma muito clara, mas outras pequenas que não. Então a IA faz uma pré-análise para o radiologista.

Outra IA criada pelo hospital avalia o risco de um paciente voltar a ser internado e indica ao médico se é de fato o momento ideal de dar alta:

—Com base em dados de pessoas com situações semelhantes e em uma série de indicadores do próprio paciente, o algoritmo indica para o médico se é um bom momento para a alta. Mas a decisão final é sempre do médico — diz Schultz.

## LEITURA AUTOMÁTICA

Na rede Dasa, o diretor de Inovação Aplicada e IA, Felipe Kitamura, conta que nos últimos seis anos foram validados mais de 20 algoritmos, reflexo do entendimento, compartilhado com Schultz, de que o uso das tecnologias na medicina é "inevitável".

—Criamos algoritmos que conseguem ler laudos para identificar 43 doenças que

têm uma demanda de próximo passo. Por exemplo, a mamografia, quando o resultado é BI-RADS (escala de padrão de suspeita) 4 ou 5, o próximo passo é biópsia. Nossos algoritmos leem cerca de 8 mil laudos todo dia, identificam casos como esse e sinalizam para que nosso médico avise o médico do paciente. Isso reduziu o tempo para esse próximo passo de 17 para sete dias — diz.

Outra ferramenta bem-sucedida usada na rede é uma IA que aprimora o exame de ressonância magnética, reduzindo sua duração em 40%. Com isso, é possível dar conta da demanda reprimida.

**Especialistas creem que tecnologia trará diagnósticos seguros daqui a uma década**

Nas universidades, o interesse pela área também é grande. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), o Laboratório Malta já recebeu prêmios internacionais e conta com um financiamento da Fundação de Michael J. Fox para identificar subtipos da doença de Parkinson com o auxílio da tecnologia.

—Hoje os médicos têm um entendimento de que o que chamamos de Parkinson pode ser um termo geral para

um quadro com diferentes causas. Então criamos algoritmos de IA para tentar identificar subtipos com base na análise de dados genéticos de diversos pacientes — explica o pesquisador do laboratório Lucas Kapisinski.

Para o futuro, os especialistas apostam na capacidade de tecnologias semelhantes ao ChatGPT, porém focadas na área médica. Hoje, um problema é que o chatbot da OpenAI é treinado com base em todos os textos disponíveis na internet, não há um filtro do que seria uma fonte confiável.

No entanto, já há ferramentas em testes treinadas especificamente com dados e diretrizes médicas para analisar informações de pacientes e definir o diagnóstico e o melhor tratamento.

—Daqui a dez anos, acredito que vamos ter IAs mais seguras em dar diagnósticos e indicar o melhor tratamento baseado em diretrizes médicas. Imagina ter uma tecnologia que tem o conhecimento de um profissional experiente e que pode ajudar um profissional recém-formado, por exemplo — cita Kitamura.

A Google desenvolveu o Med-PaLM e o Med-PaLM2, algoritmos treinados em bases médicas que estão sendo testados em diversos hospitais, inclusive pela equipe da Dasa no Brasil. Num estudo, o Med-PaLM2 passou no exa-

me que permite exercer a profissão de médico nos EUA com 67,7% de acertos. Pouco depois, o Med-PaLM 2 o superou, marcando 86,5%.

A ideia é que as ferramentas sirvam como um complemento, e não que substituam a decisão do profissional. Para Ben-Hur Ferraz Neto, diretor do Instituto do Fígado da rede América, os médicos não devem temer perder o emprego para a IA.

—Do jeito que estamos evoluindo, se pensarmos em algumas décadas as mudanças são até inimagináveis. Vamos ter a IA participando efetivamente das decisões de saúde, mas junto com o profissional. Ela não vai substituí-los, mas vai dar uma qualidade de atendimento e rapidez que hoje eles não têm — diz.

## FORMAÇÃO

É como pensa também Chao Lung Wen, chefe da Disciplina de Telemedicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e presidente da Associação Brasileira de Telemedicina e Telessaúde (ABTms). Ele ressalta a importância de esse tema começar a fazer parte da formação dos novos médicos:

—Falo para meus alunos que eles precisam ter ética, coisa que a IA não tem. Que eles precisam saber fazer boas perguntas, ou a IA não vai te responder o que você precisa. Muitas vezes, a IA vai processar informações sem contexto. É o médico, que tem a relação empática com o paciente, que vai entender se elas são aplicáveis. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou uma série de recomendações para o uso de ferramentas como o ChatGPT na medicina e chamou atenção para a importância de "utilizar leis, políticas e regulamentos para garantir que cumpram as obrigações éticas".

**Auxiliares.** Algoritmos treinados em bases médicas já foram aprovados em exames para exercer a medicina

“Com base em dados de pessoas com situações semelhantes e indicadores, o algoritmo indica se é o momento da alta”

Igohr Schultz, diretor-executivo Digital do Einstein

“Imagina uma tecnologia que tem o conhecimento de um profissional experiente para ajudar um recém-formado”

Felipe Kitamura, diretor de Inovação Aplicada e IA da Dasa

“Do jeito que estamos evoluindo, se pensarmos em algumas décadas as mudanças são até inimagináveis”

Ben-Hur Ferraz Neto, cirurgião especialista em fígado